

# SACRAMENTOS

## I. O SIGNIFICADO DO TERMO

A palavra era usada

para se referir a algo sagrado ou consagrado, associada a um “mistério”. Na Vulgata *sacramentum* é utilizado para traduzir a palavra grega *μυστήριον* (cp. Ef 1.9; 3.2s.,9; Cl 1.26s.; 1Tm 3.16; Ap 1.20; 17.7). Num sentido amplo chegou a designar qualquer sinal que possuía um significado secreto. Ritos e cerimônias religiosas como o sinal da cruz, unção com óleo, pregação, crisma, oração, auxílio aos enfermos, etc., eram igualmente chamados de sacramentos. Harnack indica que Tertuliano “já havia utilizado a palavra para indicar fatos sagrados, sinais e meios misteriosos e saudáveis, e também atos sagrados. Todas as coisas de alguma forma ligadas à Deidade e sua revelação e, portanto, por exemplo, o conteúdo da revelação como doutrina, é chamado de sacramento; e a palavra também é aplicada ao simbólico que é sempre algo misterioso e santo” (*History of Dogma*, II, 138, 139).

Tornou-se cada vez mais evidente que o significado religioso do termo era muito livre e amplo para a cuidadosa precisão bíblica, embora a palavra em si não seja encontrada na Bíblia. Por este motivo os teólogos empenharam-se desde cedo a designar definições à palavra, o que refletiria uma maior exatidão espiritual. Como se poderia esperar, contudo, tais esforços não trouxeram concordância sobre a essência e nem sobre o número dos sacramentos.

Em nossos dias Van der Leeuw e Schillebeeck argumentam que os sacramentos cristãos recebem seus significados do pano de fundo de uma sacramentologia geral. Esta sacramentologia geral é tida como uma precursora providencial dos sacramentos cristãos, uma tutora a fim de nos conduzir a Cristo. Uma das dificuldades com esta opinião é que ela suscita o problema do pansacramentalismo com sua sacramentologia geral ancorada de modo antropológico ao invés de biblicamente.

Os conservadores sustentam que os sacramentos existem por causa de um significado divino. Nem todo sinal é um sacramento e, portanto, é impossível basear o sacramento cristão numa análise fenômeno, lógica. Os sacramentos da igreja são aqueles apontados por Cristo no NT. Eles são sinais e selos da aliança entre Deus e seu povo. São atestações visíveis e externas da aliança que há entre eles. Como sinais eles representam as bênçãos da aliança da redenção; como selos eles ratificam e confirmam sua validade.

## II. A RELAÇÃO ENTRE A PALAVRA E SACRAMENTO

A prioridade deve ser dada à Palavra, escrita e pregada. A Palavra pode existir em perfeição sem os sacramentos, mas estes não podem existir em qualquer forma

significativa sem a Palavra. A Palavra interpretativa de Deus é de importância decisiva para o poder e a compreensão destes sinais visíveis da sua obra redentora.

Há certos pontos de concordância entre a Palavra e os sacramentos. (1) Possuem o mesmo autor. Deus decretou que eles devem ser meios da graça. (2) Cristo é o ponto focal do seu significado; ele é seu centro. (3) Ambos devem ser aceitos em fé. Calvino corretamente declarou, “eles não trazem qualquer proveito ou benefício a não ser se recebidos em fé”. (4) Ambos são instrumentos utilizados pelo Espírito Santo, sendo ele o único que torna ambos reais ao cristão.

Há certos pontos de dessemelhança entre a Palavra e os sacramentos. (1) Eles diferem em suas necessidades. A Palavra é indispensável à salvação; os sacramentos não são. Alguns foram redimidos sem o uso de sacramentos; e.g., crentes antes do tempo de Abraão e o ladrão penitente na cruz. O cristão está sob uma constrangedora obrigação moral de obedecer aos mandamentos do seu Mestre com respeito aos sacramentos a não ser que circunstâncias externas o tornem impossível, porém, esta necessidade de preceito não deve ser confundida com a necessidade de meios. Os sacramentos não são nada menos, nem nada mais, que um sinal *visível* da Palavra. Somente a fé (*sola fide*) é a causa instrumental da salvação (Jo 5.24; 6.29; At 16.31; etc.).

(2) Eles diferem em suas aplicações. A Palavra deve ser pregada a todos (Mt 28.18-20); enquanto que os sacramentos devem ser administrados apenas àqueles que professam a fé e, conforme defendido por um grande segmento de protestantes, àqueles dentro da relação da aliança, como crianças no caso do batismo. Os sacramentos são sem sentidos àqueles que não estão na igreja. No caso da Ceia de Senhor, Paulo até mesmo indica que os cristãos professos devem ser advertidos a fim de que não participem indignamente (1Co 11.27-32).

(3) Eles diferem em seus objetivos. A Palavra é designada para iniciar e fortalecer a fé; enquanto que, na tradição protestante, os sacramentos são compreendidos como contribuindo somente ou principalmente para seu fortalecimento. Existem algumas diferenças entre as perspectivas luteranas e reformadas neste ponto.

(4) Eles diferem em seu meio de expressão. A Palavra se expressa mais poderosamente por intermédio do som (pregação); enquanto que os sacramentos fazem isto por meio da visão, em associação com o paladar e o tato. Os sacramentos são uma Palavra *visível*; um sacramento é “uma forma visível de uma graça invisível”.

### III. O NÚMERO DOS SACRAMENTOS

Esta questão a respeito do número dos sacramentos está totalmente ligada à questão da sua natureza essencial. A Igreja Católica Romana mantém que a natureza essencial deles e de uma infusão de graça sobrenatural na vida toda, desde seu início até o fim. Com apelo ao princípio seletivo de escolha divina, tradição à harmonia e beleza que eles demonstram e à autoridade doutrinário da igreja, o número de sacramentos foi inviolavelmente estabelecido em sete: (1) batismo (Mt 28.19; Jo 3.5); (2) crisma (At 8.14; 19.6); (3) eucaristia (Mt 26.26-29; Mc 14.22-25; Lc 22.15-20; Jo 6.1-71; 1Co 11.23-25); (4) penitência (Jo 20.21-23); (5) extrema unção (Tg 5.13-15); (6) ordens (Lc 22.19; 1Co 11.26); (7) matrimônio (Mt 19.4-9; Ef 5.21-32).



Em contraste nítido a esta multiplicidade de sacramentos está a doutrina protestante com apenas dois: (1) batismo e (2) Ceia do Senhor (eucaristia). Deve ser notado que cerimônias tão diferentes como ordens, matrimônio e extrema unção podem ser bíblicas a sua própria maneira, mas claramente não foram diretamente instituídas pelo próprio Senhor como significando exclusivamente a obra salvadora de Jesus Cristo e, portanto, não são qualificados como sacramentos. Jesus chamou sua morte de batismo e um cálice (Mt 20.22) e diferente das outras observâncias estas ações em si refletem diretamente a obra redentora que Jesus Cristo realizou. Por sua própria natureza, portanto, estes dois sacramentos se distinguem por si só e não podem simplesmente ser incluídos com outras cerimônias eclesiásticas; são singulares.

#### IV. A EFICÁCIA DOS SACRAMENTOS

A questão em relação à eficácia dos sacramentos tem sido discutida em torno do conceito de simbolismo (Reforma) versus realismo (Roma). Deve ser claramente compreendido, todavia, que simbólico não quer dizer sem verdadeira eficácia. Símbolo não se opõe a realidade. A verdadeira questão diz respeito à maneira em que esta realidade é representada.

De acordo com a teologia católica romana os sacramentos operam *ex opere operato*; isto é *a operação e objetivo* e não depende de forma alguma do recipiente. O sacramento é um instrumento de Deus e a causa da graça redentora. Esta ideia tem conduzido alguns a enxergarem na sacramentalidade católica romana uma certa qualidade mágica. Esta *ex opere operato* era compreendida, como uma operação prática de cima, na qual não havia nenhum elemento da subjetividade humana. Conceber a doutrina sacramental católica romana como *mágica* seria muito simplista. Além de seu apelo à objetividade dos sacramentos, Roma defende que uma certa disposição subjetiva é necessária para a operação dos sacramentos; uma disposição que simplesmente não apresenta um obstáculo de oposição. O problema então se torna de entender como esta disposição necessária pode ser harmoniosamente ligada com a *ex opere operato*, aquela estrutura absolutamente objetiva do sacramento, que opera independentemente do recipiente.

Representante da posição protestante reformada sobre a eficácia dos sacramentos é a declaração do *Breve Catecismo de Westminster* (resposta à pergunta 91), “Os sacramentos se tornam meios eficazes da salvação, não por qualquer virtude neles, ou naquele que os administra; mas somente pela bênção de Cristo e a operação de seu Espírito naqueles que pela fé os recebem”. A eficácia dos sacramentos, então, não está neles mesmos como atos externos, mas antes na bênção de Cristo e seu Espírito condicionados a fé no recipiente.

A teologia reformada sustenta que a eficácia dos sacramentos é vista de três maneiras: (1) como *representativa* dos benefícios da nova aliança; (2) como *selos* dos mesmos; e (3) como a *aplicação* dos mesmos. Como *selos* os sacramentos constituem sinais externos de um relacionamento espiritual interno já estabelecido com Cristo por intermédio da fé. São provas presuntivas da validade da aliança redentora divina; isto é, eles são aplicados subsequentemente ao tempo quando o indivíduo é suposto ser regenerado. Os sacramentos de modo algum realizam aquilo do qual são sinais. Como selos são aplicados em obediência ao mandamento de Cristo, como um *sinal* externo

de uma graça interna é confiantemente esperado no caso de batismo infantil, ou crido ser de fato recebido no caso de adultos.

Quando os sacramentos são considerados como graça aplicada, o que isto significa é que são um meio de verdadeiramente trazer-nos graça. Eles não apenas retratam algo a fim de trazer à memória, mas eles também fazem algo a fim de produzir força espiritual. Isto não é contender a favor de uma graça sacramental especial, mas antes a favor de uma ideia de que a operação dos sacramentos baseia-se essencialmente na graça salvadora.

Representante da posição protestante luterana sobre a eficácia dos sacramentos é a declaração da *Confissão Augsburgo* (Art. V), “Para a obtenção desta fé, o ministério de ensinar o Evangelho e administrar os Sacramentos foi instituído”. O teólogo luterano conservador, Francis Pieper, indica sua *Christian Dogmatics* (Vol. III) que os símbolos luteranos enfatizam o fato de que os sacramentos e a Palavra do Evangelho têm o mesmo propósito; a saber, o da atestação e a concessão do perdão de pecados e o fortalecimento da fé neste perdão. Os luteranos concordam com protestantes reformados em afirmar a necessidade da fé, mas eles tendem a atribuir a eficácia dos sacramentos a uma virtude de graça verdadeiramente objetiva residente nos elementos.

BIBLIOGRAFIA. G. C. Berkouwer, *Studies in the Dogmatics, The Sacraments*; E. Schillebeeck, *Christ the Sacrament of the Encounter With God*.

C. M. HORNE

*Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã*